

## SETE ONDAS: SOBRE MEMÓRIAS, ÁGUAS E OUTRAS SENSAÇÕES

Fábria Mônica Souza dos Santos<sup>1</sup>

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v8i1.55138>

Eu que gosto de achar as coisas, estou vendo sete em todo lugar, esse número carregado de sagrado, de sabedoria e expansão. Estou prestes a completar meu sétimo ciclo de sete anos, e isso tem me reconectado com várias outras somas.

Dizem que a vida costuma mudar de sete em sete anos, trazendo novos ciclos e renovação. Pensei também na tradição de pular sete ondas na virada de ano, pedindo a Iemanjá para abrir os caminhos no ano que se aproxima. Uma daquelas coisinhas que muita gente que não é do santo faz, justamente pela relação com os ritos tão presentes na afrorreligiosidade que nos embala.

Por falar em mar, aprendi com ele antes mesmo de ter aprendido com aquelas que me ensinaram a ler e escrever. No mar aprendi a nadar. Aprendi também a ter medo, e a buscar coragem, justamente no revolto daquele momento em que se percebe que, para voltar à margem em segurança, você precisa ir mais para o fundo, por detrás da arrebentação. E esperar aquele exato momento em que as águas dão uma breve trégua, ensinando no miudinho que a natureza é sempre soberana.

E as sete ondas que tanto pulei vieram agora para cá. Resolvi brincar com esse sete tão cheio de representações e pluralidade. Esse sete tão sagrado, tão divino, tão primo, número que se desdobra em tantos outros, e significa transformação. Calundu tem sete letras. Também tem sete meses que cheguei por aqui, onde venho sendo acolhida de uma forma extremamente generosa, e onde venho aprendendo tanto. O que me falta em longevidade me sobra em desejo de trocar, em vontade de ouvir aquelas e aqueles que compartilham suas escritas e também suas histórias de resistência, suas narrativas, alianças e ancestralidade. Que falam das suas casas, suas cores, suas marcas e dos afetos que se formam nas partilhas.

Mergulhando (olha Iemanjá e o mar aí me guiando novamente) nas tramas da Revista até aqui, tenho sentido que muitas vezes a correnteza tem me levado em direções

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: [fabiamonica@id.uff.br](mailto:fabiamonica@id.uff.br)

com rota própria. Por isso, como já ouvi várias vezes ao longo desses últimos tempos, deve ter enredo com o santo aqui!

Tentando reconstruir meus hiatos a partir dessa chegada, fui mexer nas fotos de infância, nas memórias perdidas e recompostas com a ajuda das mais velhas. Quis de novo perguntar pra tia Preta sobre aquela única foto minha na barriga da minha mãe, dentro do terreiro, linda que só, com aquelas guias no pescoço. Minha mãe com Oxalá e meu pai com Xangô, contou minha tia. E me disse que ela era feita no santo sim. E eu naquela barriga. A minha história. E aquela pulseirinha de Oxum que não saía do meu pulso quando eu era criança. E minha madrinha Marta e meu padrinho Puí. E o terreiro deles, minha madrinha mãe de santo de lá. Tia Preta diz que tem certeza que era Candomblé, e que ficava ali pertinho do KM 13 da Dutra. E eu batizada na igreja, pra agradar a uma parte da família, mas crescendo naquele terreiro de esquina com cheiro forte de pimenta branca, que até hoje me aguça o nariz.

A memória sobre esse tempo foi rareando, assim como a possibilidade de perguntar à minha mãe, que como outros tantos vimos sair do terreiro renegando essa história. Tudo isso estava guardado dentro de mim, mas a cada escuta, a cada texto, a cada título, a cada letra, sigo sendo sacudida por dentro. Vou nesse percurso buscando amparo nos elementos de referência que contam, recontam e interligam diferentes experiências de conexão, tudo aquilo que me coloca de novo em relação.

E quando faltar compreensão ou resposta, de qualquer forma posso sempre ir pro mar... Pular sete ondas, ir pro fundo, depois da arrebentação, e voltar com o corpo cheio de sal pra dentro de mim mesma, retomando o fôlego que preciso pra seguir adiante.

Recebido em 14 de junho de 2024

Aceito em 17 de junho de 2024